



# Édith Piaf

## a Rosacruz

*Por SERGE TOUSSAINT, FRC\**

**Q**uando eu era pequeno, Édith Piaf era muito popular e eu me lembro do quanto meus pais – meu pai em particular – gostava de ouvi-la cantar. Naquela época, as letras de suas canções me eram indiferentes, sobretudo porque se dirigiam aos adultos. Sua voz, em contrapartida, me enfeitiçava por seu timbre, seu poder e por aquilo que eu poderia chamar de sua “impregnação”, na falta de um termo mais apropriado. De maneira mais ou menos consciente, eu tinha a impressão de que era sua personalidade profunda – sua alma – que vibrava e se exprimia através dela. Jamais imaginei que um dia eu seria levado a falar dela em honra de sua memória e que teríamos em comum o fato de pertencer à Fraternidade rosacruz.

Muitos livros e filmes foram consagrados a Édith Piaf. Todavia, sem querer causar polêmica ou me deixar conduzir por julgamentos de valor que poderiam parecer arbitrários, a maioria de seus autores não soube lhe atribuir toda a sua dimensão. Naturalmente, eles traçaram sua carreira como cantora com certa fidelidade, mas a imagem que deram da mulher que ela foi continua sendo superficial e às vezes mesmo caricatural, a saber, dominadora, ninfomaníaca, caprichosa, depressiva, alcoólatra, supersticiosa, devota etc. Certamente, ela não era perfeita e nem pretendia sê-lo. No entanto, aqueles que a conheceram de verdade e que, evidentemente, não foram contatados para a elaboração desses filmes e livros, sabiam e sabem que por trás dessa imagem cunhada pela mídia se escondia uma belíssima personalidade e, ainda mais, uma belíssima alma.

Mui felizmente, alguns autores souberam prestar a Édith Piaf a homenagem que ela merecia. Dentre eles eu citaria Hugues Vassal, que se dignou estar entre nós para nos falar dela com tanta emoção. Amigo íntimo e confidente de Édith, ele escreveu vários livros

notáveis sobre ela, dentre os quais *Nos passos de Édith Piaf*, no qual explica como ela veio a se afiliar à Ordem Rosacruz. Sabendo que ela havia sido membro da Ordem, ele me contactou em 2009 para conversar a esse respeito. Encontramo-nos então na sede da Ordem, na Normandia, e logo simpatizamos um com o outro. Compreendi então a que ponto ele amava e conhecia bem Édith. Logo, não nos surpreendemos que ele tenha sabido fotografá-la tão bem, conforme testemunha magnificamente o livro-álbum *Édith Piaf, uma vida em preto e branco*<sup>2</sup>, que ele acaba de coeditar com Jacques Passis.

Num de seus primeiros livros, publicado em 1986 com o título *Piaf meu amor*, eis o que Hugues Vassal escreveu a respeito dela:

*“Agora eu possuía tudo aquilo que fazia – ainda faz e sempre fará – a própria polpa espiritual de um ser que foi uma grande artista e que permanece sendo uma mulher terrivelmente emocionante e perturbadora para quem a fé, a religiosidade e a comunicação com o invisível – o além – caminham junto com a própria vida e não podem ser dela separadas sob nenhum pretexto que seja. Querer tirar de Édith seu apego místico e negligenciar seus êlans espirituais, mesmo que sejam por vezes hesitantes e imperfeitos, seria tirar toda a substância do ser; seria simplesmente negá-la e fazê-la desaparecer, deixando apenas uma boneca vazia e inanimada. O mesmo deve se aplicar a nós todos”.*

Com toda certeza, este excerto do capítulo intitulado *Piaf mística*<sup>3</sup> mostra a que ponto Hugues Vassal soube ler a alma de Édith.

Outro autor soube ir além das aparências e captar a personalidade profunda de Édith. Trata-se de Frédéric Brun, a quem temos igualmente a honra de termos entre nós. Seu

pai, o célebre letrista Jean Dréjac, foi também um amigo íntimo de Édith Piaf. Quando ele faleceu, em 2003, Frédéric teve acesso à sua correspondência pessoal e descobriu por uma casualidade que ele também havia sido membro da AMORC. Alguns anos mais tarde, em 2008, ele pediu para se encontrar comigo e foi assim que nos conhecemos. Em 2010, por ocasião de um livro consagrado a alguns dos grandes intérpretes da canção francesa, ele redigiu, a pedido do editor, um belíssimo capítulo sobre Édith Piaf, não se esquecendo de evocar sua busca espiritual e sua filiação à Ordem Rosacruz.

Permitam-me citar igualmente um excerto daquilo que Frédéric Brun escreveu a respeito de Édith Piaf:

*“Édith Piaf aparece regularmente na mídia. Numerosas biografias foram escritas sobre ela nos últimos anos. O longa-metragem que lhe foi consagrado, Piaf – Um Hino ao Amor, conquistou um amplo sucesso no mundo inteiro. Esse “filme-choque” corresponde bem à nossa época e caricatura sua vida excessivamente. Não tenho certeza se o espectador virá a conhecer Édith Piaf realmente após assistir a ele. Além disso, quem pode ter a pretensão de conhecê-la de verdade? Édith Piaf tem muito mais profundidade e ingredientes do que essa cantora de rua que se tornou um ídolo, de aparência rock, desembaraçada, drogada e exaltada que o diretor, apesar de seu talento, nos quis apresentar. Existe outra Édith, mal conhecida e mais secreta. Além de sua força e de sua fragilidade, dos seus sucessos e desilusões, dos seus acidentes, dos seus problemas de saúde, dos seus amores perdidos e das suas ressurreições se esconde uma mulher de crença, culta e que sempre buscou sondar as riquezas e os mistérios da existência”.*

Como acabo de me referir a Jean Dréjac, pai de Frédéric Brun, eu gostaria de partilhar com vocês uma lembrança particular. Sabendo que ele era membro da AMORC há muitos anos, eu sonhava há muito tempo entrar em contato com ele a fim de saber mais sobre seu encontro com Édith Piaf. Todavia, eu não ousava importuná-lo. Finalmente, decidi-me a lhe telefonar e acabou sendo, para mim e acredito que para ele também, uma troca particularmente emocionante. Ele me explicou notadamente como, por amizade a ela, ele se afiliou sem grande convicção à Ordem Rosacruz antes de descobrir o quanto essa vereda mística respondia a sua busca interior. Por fim, ele permaneceu membro até sua morte.



Cartaz de divulgação do filme “Piaf – Um Hino ao Amor”, dirigido por Olivier Dahan, no ano de 2007

No decurso de nossa conversa telefônica, Jean Dréjac explicou-me também que muito pouco tempo depois de se afiliar à Ordem Rosacruz, Édith Piaf pediu-lhe que escrevesse uma canção que, de maneira simbólica, exprimissem a felicidade que ela sentia por ter se tornado rosacruz. Como suporte para tanto, ela quis utilizar uma música que havia escutado por ocasião da *tournee* que havia feito em 1956 nos Estados Unidos e durante a qual visitou a sede da jurisdição americana da AMORC. Assim nasceu a canção *Soudain, une Vallée*<sup>4</sup>, na qual ela se refere notadamente à Paz Profunda tão cara aos rosacruzes.

Qual foi precisamente o caminho espiritual de Édith Piaf? Como vocês certamente sabem, ela havia sido batizada na religião católica. Muito fervorosa em sua fé, ela se remetia frequentemente a Jesus, a Maria e a Santa Teresa de Lisieux, por vezes de modo um pouco excessivo. Como muitos artistas, ela também era muito supersticiosa. Porém, atrás dessa devoção religiosa, escondia-se um desejo intenso de melhor compreender o sentido profundo da existência. Para parafrasear o título de uma canção magnífica de Charles Dumont, que também era muito próximo de Édith, ela “*procurava o ouro do tempo*”<sup>5</sup>. Em sua solicitação de afiliação à AMORC, ela respondeu à questão “*Por que você deseja se tornar membro?*” da seguinte forma: “*Porque sou apaixonada pela busca da verdade e eu me sentiria mais próxima de Deus tentando aprofundar e compreender seus maravilhosos mistérios*”.

Alguns autores, dentre os quais Hugues Vassal, disseram que Édith Piaf era mística. Isso é absolutamente correto, mas no sentido etimológico do termo. De fato, essa palavra recebe muitas vezes um sentido pejorativo,



Fragmento da solicitação de afiliação à AMORC preenchida por Édith Piaf em 12 de abril de 1955.

de modo que muitas pessoas pensam erroneamente que um místico é um indivíduo etéreo, ou mesmo maluco, não adaptado à vida e totalmente desprovido de senso prático. Na realidade, a palavra “misticismo” provém do grego *mysticos*, que quer dizer “estudo dos mistérios”. Assim, pois, um místico é uma pessoa que se interessa pelos mistérios da existência e que procura não apenas conhecer melhor a si mesmo como também compreender o sentido profundo da vida. Tal era o caso de Édith Piaf, o que explica por que ela se tornou rosacruz.

Foi em 1955 que Édith Piaf se afiliou à Ordem Rosacruz, que ela conheceu por meio de Danielle Bonel, sua fiel secretária, e de Marc, marido dela e músico de Édith. Ambos já eram membros e acreditavam que era chegado o momento de falar a respeito da Ordem com Édith. Ela permaneceu membro até sua morte, em 1963. Durante esses oito anos, ela estudou conscienciosamente os ensinamentos rosacruzes, que naquela época já se apresentavam, assim como é hoje, sob a forma de monografias que se recebem em casa no ritmo de

quatro por mês. Dos doze graus que são compreendidos por estes ensinamentos, ela teve tempo de estudar sete, o que foi mais do que suficiente para abrir-lhe outra abordagem da existência. De maneira sutil, ela passou progressivamente da religiosidade à espiritualidade, ou seja, da crença ao conhecimento. Mui sinceramente, e a despeito de sua degradação física devida a uma vida de provações e excessos em certos aspectos, creio que as pessoas que com ela conviveram naqueles anos puderam perceber essa transformação interior.

Vejam os brevemente algumas noções rosacruzadas às quais ela aderiu e que mudaram sua maneira de ver as coisas. Antes de sua afiliação à AMORC, e em razão de sua formação católica, ela tinha tendência a considerar Deus como um Ser antropomórfico que decide o destino dos homens, incluindo as provações por que passam e o momento de sua morte. Eis a razão pela qual ela dizia amá-lo na mesma proporção que O temia. Além disso, ela acreditava no paraíso e no inferno e se inquietava em saber não apenas aquilo que se passaria com sua alma após a morte como também se ela tornaria a ver os seres caros que ela havia amado. Seus estudos rosacruzados lhe ensinaram três princípios fundamentais: Deus se assemelha a uma Consciência-Energia que se exprime no universo, na natureza e no próprio homem por meio de leis impessoais. O destino de todo ser humano é condicionado pela maneira segundo a qual ele aplica o seu livre arbítrio e pelo carma que disso resulta. Cada um de nós vive na Terra para evoluir para o estado de Sabedoria – o estado de Rosacruz –, o que implica se reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias.

Conta-se que Édith Piaf confessou a Ginou Richer, uma de suas amigas: *“Numa outra vida eu devo ter feito bem muitas coisas para que Deus tenha-me enviado com essa voz”*. Em outras palavras, ela atribuía aquela voz extraordinária a seu bom carma. Alguns

espíritos rabugentos poderiam acrescentar: *“Mas o que ela fez para ter uma vida tão penosa e com tantas provações?”*. A isso eu responderia dizendo que não temos necessariamente as provações que merecemos, mas aquelas que somos capazes de superar e de transformar em experiências úteis para a nossa evolução espiritual. Édith sabia disso e escolheu levar uma vida certamente difícil mas também rica e intensa no plano místico. Isso é tão verdade que ela bradou alto e forte numa canção-testamento algo que atesta por si sua força interior e seu senso de responsabilidades: *“Não, absolutamente nada; não, eu não me arrependo de nada”*<sup>6</sup>. Ela também sabia que o acaso não existe. Para tomarmos de empréstimo a definição de Albert Einstein, *“o acaso é o caminho que Deus toma quando Ele deseja permanecer anônimo”*.

Paralelamente àquilo que ela aprendeu na AMORC, e conforme especifica Frédéric Brun no texto que consagrou a Édith, ela era pertinaz no aprimoramento de sua cultura geral e na ampliação de seus conhecimentos de filosofia. Falando dela, o compositor Philippe-Gérard declarou um dia: *“Tínhamos longas conversas muito sérias. Ela me falava de suas leituras. O que me surpreendeu é que ela lia Platão. Ela se interessava muito pela filosofia e por certas teorias místicas. Discutíamos assuntos como a imortalidade da alma”*. Hugues Vassal por sua vez nos confia em seu último livro: *“Quando ingressei no círculo dos seus íntimos, ela estava ‘aficionada’ por teologia e filosofia, fazendo-nos partilhar de um entusiasmo tão surpreendente quanto improvisado por Teilhard de Chardin”*. Com segurança, e com uma filigrana de humor, eu diria que “la Môme Piaf” não tinha um cérebro de passarinho<sup>7</sup>... Além da inteligência do coração que todos que a conheceram podem confirmar, ela era muito mais culta do que se pode pensar. Todavia, a esse respeito ela dava prova de uma real modéstia.

A propósito da inteligência do coração, vocês sabem que o amor estava no âmago da vida de Édith Piaf e que foi o tema central da maioria de suas canções, dentre as quais a célebre *Hymne à l'Amour*<sup>8</sup>, uma das raras canções que ela própria compôs. Seria contudo um erro pensar que ela reduzia o amor àquele que dois seres sentem um pelo outro, como por exemplo os amores que ela vivenciou com tanta paixão ao longo de toda a sua vida. Ela gostava de amar de maneira geral e foi esse amor pelo amor que condicionou toda a sua existência, seja pelos homens que a amaram, pelo seu público – que o retribuía – ou por seu irmão humanos em geral. É preciso notar que ela atribuía ao próprio Deus essa inclinação a amar, o que a levou a dizer: *“Eu creio em Deus e no amor porque amo Deus e é ele que me permite amar”*.

Como vocês certamente sabem, Édith Piaf fazia tudo com paixão. Quando se tornou rosacruz, seu entusiasmo foi tal que ela comunicou o fato a maioria das pessoas que lhe eram próximas, das quais algumas a seguiram nessa via. Em contrapartida, ela jamais comunicou sua filiação à AMORC aos jornalistas ou ao público. No máximo usava por vezes uma pequena rosacruz ao redor do pescoço. Talvez ela temesse ser mal compreendida ou julgada erroneamente. Podemos entendê-la, pois os preconceitos sempre foram muitos quanto aos movimentos ditos “esotéricos”, tanto é que frequentemente eles são comparados de for-



**// Numa outra vida eu devo ter feito bem muitas coisas para que Deus tenha me enviado com essa voz. //**



Em setembro de 1957, Édith Piaf havia visitado o Parque Rosacruz de San Jose, na Califórnia. Podemos vê-la no Museu Egípcio Rosacruz cercada, da esquerda para a direita, por Lysanne Coupal e Danielle Bonel e por Orlando T. Perrotta, Marc Bonel, Jacques Liebrard e Albert Doss

ma equivocada a sociedades secretas. Entretanto, lembremos que desde o seu surgimento no século XVII, a Fraternidade rosacruz teve entre seus membros personalidades tão notáveis quanto Paracelso, Francis Bacon, Baruch Spinoza, Isaac Newton, Benjamin Franklin e artistas como Claude Debussy, Érik Satie, Yves Klein e muitos outros. E Gilbert Bécaud não cantou “*O importante é a rosa, acredite em mim*”? A esse respeito, permitam-me salientar que a cruz simboliza o corpo do ser humano e a rosa sua alma em vias de evolução.

Ainda em nossos dias, a Ordem Rosacruz tem entre seus membros cientistas, pensadores e artistas de renome, sua afiliação sendo confidencial e cabendo unicamente a eles torná-la pública ou não. No entanto, a maioria dos rosacruzes são pessoas mais “comuns”, na falta de um melhor termo qualificativo. De maneira geral, a AMORC está desde sempre aberta a homens e mulheres, sem fazer distinção de raça, nacionalidade, religião, opiniões políticas, status social ou qualquer outro elemento aparentemente distintivo. Nesse particular, ela se constitui numa fraternidade internacional e cosmopo-

lita. Esse aspecto foi mais do que suficiente para que Édith Piaf escolhesse tornar-se rosacruz, pois se ela era profundamente espiritualista, era também profundamente humanista. Para ela, fundamentalmente, a humanidade era apenas uma única e mesma família de almas. Antes que se falasse nisso, ela era uma cidadã do mundo.

Aconteceu-me por muitas vezes de ver Édith Piaf em sonho e todas as vezes ela estava feliz e irradiante. Estou certo de que o fato de ter sido rosacruz foi determinante para ela e a ajudou muito nos momentos difíceis. Ela deixou esse plano em 10 de outubro de 1963, nos braços de Danielle Bonel e invocando o Deus de seu coração, como dizemos entre os rosacruzes. Tinha apenas 47 anos. Tendo acabado de saber de sua morte, seu amigo Jean Cocteau, com quem mantinha uma correspondência regular, confiou aos seus próximos: *“É meu último dia nessa Terra. Jamais conheci um ser tão pródigo de alma. Ela não a gastava: ela jogava seu ouro pelas janelas”*. Tendo dito essas palavras, ele próprio deixou o mundo terreno, talvez para acompanhar Édith no caminho que leva para o além. Julgando sua vida tumultuada demais, a igreja católica impediu que ela se beneficiasse de uma cerimônia religiosa. Porém seus irmãos e irmãs rosacruzes estiveram com ela naqueles momentos e lhe deram todo o seu apoio fraternal e espiritual...

Segundo a tradição rosacruz, passam-se cerca de 140 anos entre duas vidas sucessivas. Isto pressupõe que Édith ainda se encontra naquilo a que se chama comumente de “além”. Em termos rosacruzes, ela vive enquanto alma no Cósmico, no diapasão do plano de consciência que ela atingiu ao término de sua encarnação. Ela não está só nesse plano; outras almas, dentre as quais aquelas de seres queridos que ela amou e que a amaram aqui na Terra, lá residem igualmente e partilham de sua presença.

Quando for chegado o momento, ela se reencarnará e iniciará uma nova vida, feita de outros encontros, outras experiências, outras realizações e outras tomadas de consciência, todas contribuindo para a integralização de sua evolução espiritual. Quem sabe ela ainda terá uma carreira de artista, beneficiando-se para tanto de tudo aquilo que já terá conquistado nesse âmbito?

Assim se conclui esta homenagem a Édith Piaf. Como eu já havia dito, ela não foi perfeita e jamais fará parte das personalidades conhecidas por terem marcado a história por sua sabedoria. Todavia, permanece sendo uma das cantoras mais conhecidas do mundo. E antes de julgá-la por seus defeitos e suas falibilidades, como infelizmente tende-se a fazer, cada qual deveria se deter às qualidades que ela manifestou e aos esforços que empreendeu para se aperfeiçoar, no que foi fiel ao ideal rosacruz. Entre outras, ela foi corajosa, conscienciosa, generosa e caridosa, sem esquecer o perfeccionismo e a inspiração de que deu prova enquanto artista. É possível, se não provável, que ela reencontre a senda rosacruz em sua próxima vida e prossiga dessa forma com o caminho místico que havia começado. Se esse for o seu desejo, não tenho dúvidas de que os portais da Ordem lhe serão novamente abertos. E quem sabe, talvez estejamos entre aqueles e aquelas que conviverão com ela sem mesmo saber quem ela foi... ✓

\* Alocução de Serge Toussaint, Grande Mestre da Jurisdição de Língua Francesa da AMORC, pronunciada por ocasião da Jornada Comemorativa de 20 de abril de 2013, em Paris.

**Notas:** 1. Dans les pas d'Édith Piaf, título original em francês. (N. do T.); 2. Édith Piaf, une vie en noir et blanc, título original em francês. (N. do T.); 3. Piaf mystique, título original em francês. (N. do T.); 4. “De repente, um vale”, em português. (N. do T.); 5. Referência à canção “Je Cherche l'Or du Temps” [Eu procuro o ouro do tempo]. (N. do T.); 6. “Non, rien de rien; non, je ne regrette rien”. (N. do T.); 7. Uma brincadeira com o nome “Piaf”, que em francês quer dizer “pardal”. (N. do T.); 8. “Hino ao Amor”, em português. (N. do T.); 9. “L'important c'est la rose, crois-moi”, em francês. (N. do T.).